

Veneno e risco no romance de Cardoso Pires

A Companhia das Letras lança no Brasil *Alexandra Alpha*, o quinto romance do escritor português, best-seller em seu país

Ângela Pimenta

O português José Cardoso Pires está desde sábado em São Paulo para divulgar seu festejado romance *Alexandra Alpha* — seu quinto romance, publicado no Brasil pela Companhia das Letras. Fumante contumaz, afável em sua figura franzina, ele se revela um interlocutor disposto a "praticar os veludos de louva-a-deus com todos os matadores". Alguém que destila sutilmente todos os venenos da fêmea da quele inseto, como ensina o glossário de expressões lisboetas existentes no final do livro.

Inimigo da verborragia e da adiposidade textual, Cardoso Pires é, ao lado de José Saramago, o que há de mais significativo na prosa portuguesa contemporânea. Seu *Alexandra Alpha*, que vendeu em Portugal quase 100 mil exemplares em menos de um ano, alia refinamento a uma narrativa envolvente que não despreza o elemento mágico. Quando toca fundo no fato político mais caro à história recente portuguesa — a Revolução dos Cravos, de 25 de Abril de 1974 — lança um olhar que não conhece a pieguice e rejeita o dogmatismo. Ele publicou seu primeiro livro, a coletânea *O Caminhoneiro e Outros Contos*, aos 19 anos. Seu penúltimo romance, *A Balada da Praia dos Cães*, editado em 1983 em Portugal e publicado no Brasil pela Civilização Brasileira, é um dos maiores best-sellers da década em seu país, com 130 mil exemplares vendidos.

O próximo romance, intitulado *A Barca dos Corvos*, já está em poder da Caminho Editorial, deverá ser publicado até o final do ano. Dele o autor adianta que é "um besteiário divertido, ou seja, uma fábula contada no tempo em que os homens falavam. Há uma dona que vai ficando com uma cara de cão perdigueiro".

No dia 27, o escritor embarca pela primeira vez para a Amazônia, onde não tem roteiro definido. Uma de suas preocupações é se vacinar contra a malária. Na tarde de domingo ele concedeu esta entrevista exclusiva ao Estado.

Caderno 2 — Todos os personagens de *Alexandra Alpha* são mais que um elenco a desafiar elucubrações. No romance, ação e discurso se imbricam no enredo. Essa composição foi uma atitude deliberada?

José Cardoso Pires — Sempre parto do princípio de que qualquer texto nada mais é do que um pretexto para a leitura. A ficção não é coisa nenhuma senão uma tentativa de se ultrapassar uma racionalidade circunscrita, cartesiana. O filósofo não gosta disso. A frustração de todo filósofo é não poder descobrir as regras que regem qualquer sistema. Alguns críticos também ambicionam desbastar a escrita até o átomo, se possível. A literatura se recusa felizmente a isso. Mas o texto literário é um material permanentemente escravizado. Procura-se um conceito de mulher assim ou assado em Balzac, Stendhal. Eles ficariam tristes se soubessem a que suas mulheres se viram reduzidas. O que tenho em mente é que não se pode cansar o leitor. Escrever é tão cansativo quanto ler. Parece-me que um dos aspectos mais interessantes do fazer literário é provocar ao mais alto nível uma leitura um pouco autônoma.

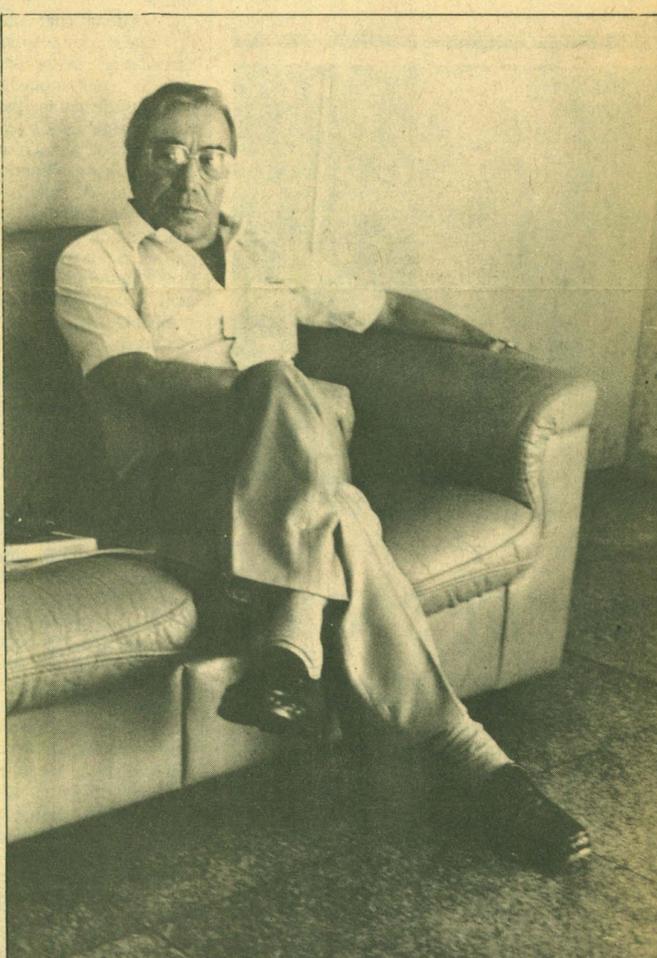
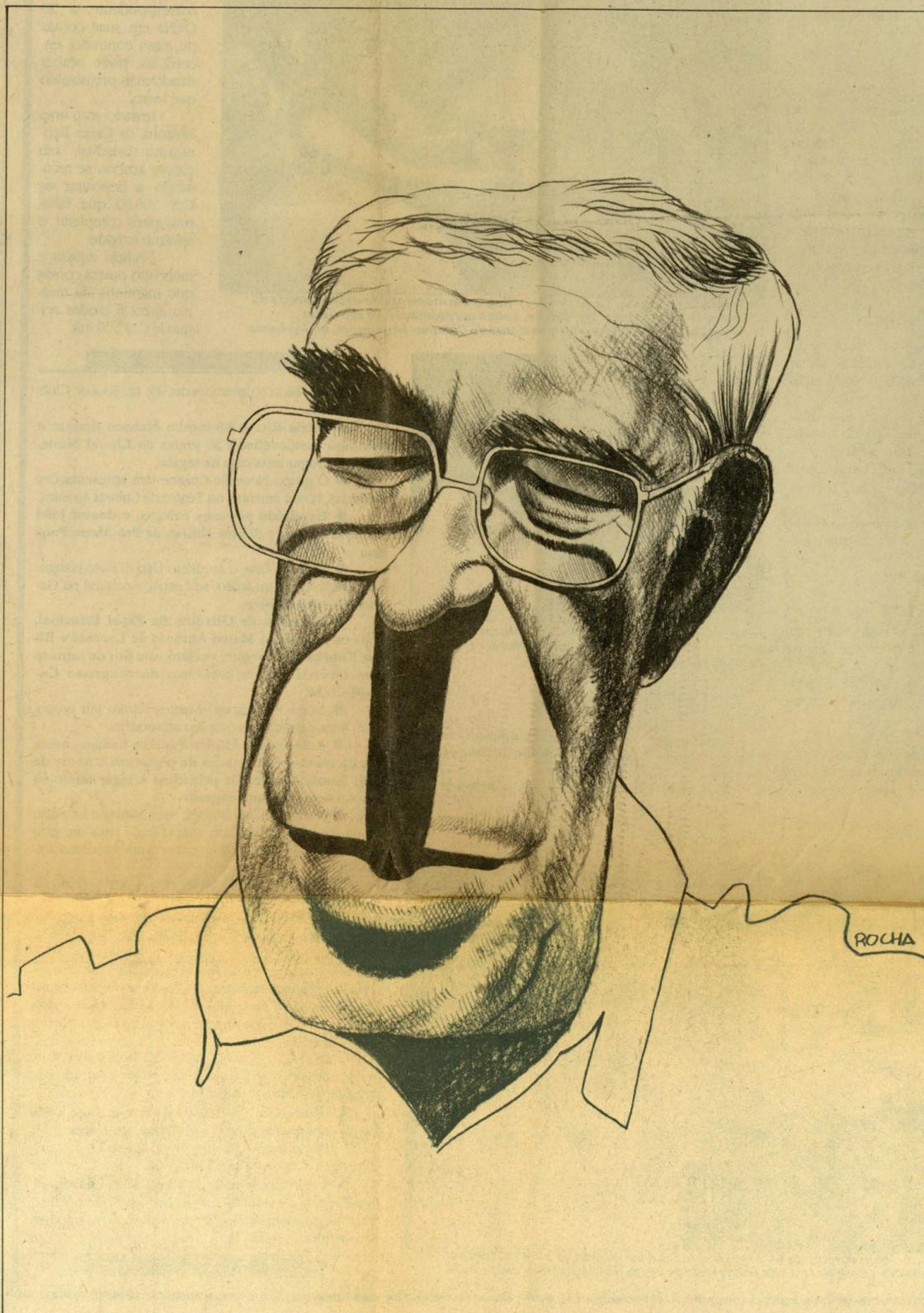
Caderno 2 — E como é que isso se manifesta na sua narrativa?

Cardoso Pires —

Inicialmente como uma reação à literatura francesa do século XIX, que influenciou enormemente a escrita portuguesa deste século. O texto ficou ressentido da ausência do discurso direto. Um dos aspectos que mais aprecio em Machado de Assis é a frase curta. Isso é extraordinário para um pequeno-burguês daquele tempo. Já em meu primeiro livro de contos só havia diálogos. A intenção era dar todo carga à ação. Hoje sei que aquela era uma atitude típica da castidade que se tem aos 19 anos. Com o tempo, fica-se menos casto. Aliás, hoje acho que no céu não cabem os castos. É falsa propaganda... (risos).

Caderno 2 — A uma certa altura da história o próprio autor entra no meio, participa. Por quê?

Cardoso Pires — Para mim é fundamental que a ficção novelística se interrogue. É o jogo da escrita. Entrar na história é renunciar àquela ideologia que investe num leitor



"A palavra fim não existe no bom romance".

ideal, moldado. Isso seria quase um protocientificismo, um atestado de impotência da narrativa. Quando entro na história, chamo o leitor a construir. E, se o leitor está interessado, ele não tem senão o remédio de prosseguir. É bom deixar claro que me considero em causa com o leitor. Gosto muito do filme e também do livro *Laranja Mecânica*, de Anthony Burgess. No hotel em que se desenrola a ação, está o escritor frustrado. De repente, ele olha o bar e vê um retrato de várias pessoas. E ele se descobre no meio. Isso é importantíssimo, porque a partir daí se instala o conflito.

Caderno 2 — O senhor fala desse recurso com ironia. A ironia é importante para José Cardoso Pires?

Cardoso Pires — De fato, é. Há que se envenenar a escrita e correr riscos. Nesse caso, a ironia é quase uma autoflagelação, uma postura cética que se volta contra o autor. Penso no ofício do faqueiro. Qualquer excesso pode ser fatal, quando se trata do gume da faca. Eu gostaria de não precisar explicar, de poder contar com o leitor. A literatura explicativa, principalmente a de extração francesa, ficou encerrada em si mesmo, não soube transcender suas próprias amarras ao pretender esclarecer tudo. Hoje o leitor é um indivíduo extremamente aberto aos riscos. Seu cotidiano está repleto de golpes.

Caderno 2 — O senhor acredita que o cotidiano do cidadão comum está pleno de aventuras?

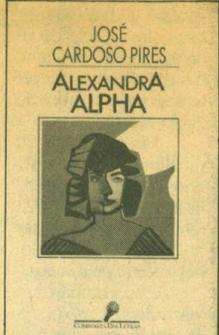
Cardoso Pires — Num certo sentido, acho que sim. Sua avó pode estar à frente da televisão e não perceber nada da linguagem, dos cortes, montagens, etc. Na telenovela há uma decupagem fabulosa a dar contornos à imagem. Mas qualquer analfabeto é capaz de entender a trama. Esse é o triunfo. Sei que é um lugar-comum dizê-lo. Mas acho necessário que se reconheça aí a capacidade do indivíduo de absorver esses golpes. E, justamente porque seu cotidiano está muito uniforme, a pessoa fica mais propensa, sequiosa por entrar no surrealismo mais abstrato. Tudo fica muito simplista, meio determinista até, se for colocado tão rapidamente. Mas o que vale para mim é a história enquanto pretexto. E é bom acrescentar que a palavra fim nunca existe no bom romance.

Linguagem

Um glossário para compreender o português

Além de uma adaptação ortográfica do texto original para o português falado no Brasil, a Companhia das Letras elaborou um glossário de algumas expressões lisboetas ininteligíveis para o leitor brasileiro desprevenido. As palavras mereceram uma revisão do autor. Abaixo uma pequena seleta:

açorda: confusão
badalhoca: mulher desleixada
charro: ou passa, cigarro de haxixe
chicha: interjeição de admiração, espanto ou repulsa
engalinhar: enguiciar
estar-se nas tintas: não dar importância
meter o urso: enganar
mirone: indivíduo viciado em espereitar o semelhante, voyeur
pidre: membro da polícia política salazarista
piçone: aporuguesamento do francês punaise, percevejo
rebaldaria: balbúrdia, anarquia
Sacar uma data de massa: arrancar ou ganhar uma grande quantidade de dinheiro
sorna: manhoso
zuca: maluco, parvo



SERVIÇO
Alexandra Alpha, romance de José Cardoso Pires. Edição pela Companhia das Letras com ortografia brasileira e glossário revisto pelo autor; 368 páginas, Cz\$ 6.000,00.

Caderno 2 — O aspecto mais relevado pela crítica em *Alexandra Alpha* é a questão da identidade portuguesa. Que dimensão isso tem?

Cardoso Pires — Seria pretensioso dizer: eu quis falar da "identidade portuguesa". Eu tinha de ser um tipo muito estúpido para afirmar isso. Mas, de fato, é um livro em que falo do significado que teve o 25 de Abril de 1974 para o português. Mesmo que se argumente que o movimento não foi até onde se desejaria que fosse. Importa que, durante mais de 50 anos, Portugal ficou fechado na moldura tenebrosa de uma ditadura. Uma ditadura que nem sequer tinha a cara asquerosa da ditadura chilena. Senti necessidade de pôr em questão as noções correntes. De repente se rompeu o lema de Salazar a dizer "orgulhosamente sós". Isso marcou demais minha geração. Senti necessidade de escrever a respeito. Não fosse o 25 de Abril, *Alexandra Alpha* não existiria.

Caderno 2 — Além da identidade irrompe uma amargura incontinida...

Cardoso Pires — Eu poderia ter incorrido num socialismo dogmático, ou no realismo socialista. Mas acho que não cometi essa ingenuidade. O romance é extremamente amargo com aquilo que foi tão belo. Mas, entre o amargo do presente e a glória do passado, fico com o amargo do presente. Não enjeito nenhum determinante da existência social para escrever o que pomposamente chamam de "alma humana". Em *Alexandra Alpha* a política é um determinante importante.

Caderno 2 — Quais são suas relações com a tecnologia doméstica?

Cardoso Pires — São razoáveis. Há uns quatro anos comprei um computador. Levei minha filha à loja e fiquei impressionado. O vendedor só se dirigia a ela e me ignorava completamente. Vejo muito essa atitude de desconfiança entre as gerações. O vendedor, um jovem, desconfiando de mim, acreditando que eu não poderia nunca entender nada dos manuais. E boa parte dos mais velhos não vê com bons olhos o rompimento com sua antiga tranquilidade. De qualquer forma, a grande data mítica para Portugal e toda a Europa é 1992, quando as fronteiras se dissolverão. Muitos acham que será a porta de Sésamo. Eu não.